

SEXUALIDADE GUERRA AOS MITOS E CRENÇAS!

Nos últimos tempos, talvez mais nas últimas décadas, a forma de lidar com as questões da sexualidade tem mudado muito rapidamente. No entanto, há muitos paradigmas que se vão mantendo, muitas fantasias que vão continuando a condicionar uma sexualidade sã, provocando dor e desprazer. Mudar mentalidades é difícil, mas não podemos desistir.

Trabalhar com adolescentes é sempre um desafio. À nossa capacidade de argumentação, à nossa empatia, à nossa paciência, à nossa perspicácia, à nossa capacidade de ouvir, de nos deixarmos sensibilizar, de orientar,... Mas é também, e em primeiro lugar, um privilégio: os adolescentes desafiam mas são favoráveis à contestação, à questionação, à reformulação de conceitos estabelecidos. E nós, formadores, devemos tirar partido desse facto, pois (normalmente) exercemos sobre eles um grande impacto. Ora, no que toca aos mitos e crenças (ou credences) na área da sexualidade, esta circunstância favorável tem de ser explorada, no sentido da desmontagem de tanta mentira impeditiva de uma vivência saudável e feliz da sexualidade. E como apreciam os nossos jovens alunos que denunciemos, que desmascaremos!

Com efeito, e porque “toda a gente diz!”, circulam, intoxicando, muitas ideias infundadas, geradoras de sentimentos preconceituosos e atitudes discriminatórias.

Muitos pré-conceitos, que vão formatando mentalidades e comportamentos, enraizados na sociedade e vividos como verdadeiros princípios normativos, (des)norteando. Muitas crenças e tabus, que a irracionalidade do mito vai transformando em certezas. Ou, como diz o poeta – Fernando Pessoa, na *Mensagem* –, o mito escorre, entra na realidade e fecunda-a. Os motivos, esses, são, naturalmente, de ordem cultural – religiosa, política, social – e o resultado da ignorância (até da própria anatomia, que em muitos casos conduz a conhecimentos equivocados – “Limpei-me à toalha dele! Vou ficar infetada pelo HIV?”).



Combatamos, pois, a desinformação, as erradas representações que por aí germinam. Alertemos os nossos jovens alunos para os riscos de uma educação para ser macho, cuja carga, tão pesada, tão responsabilizante, é inimiga, por acarretar tanta vez o medo do fracasso. Alertemos para as consequências desastrosas de uma educação sexual rígida. Denunciemos a estúpida misoginia, deformadora, desrespeitadora e achincalhante. Aproveitemos, professores de Português, a leção de *Os Maias*, para os levar a descobrir que o nosso grande escritor deixou, afinal, muitas páginas misóginas naquela obra grandiosa... Contestemos a perspetiva da mulher como “ vaso destinado a receber a extensão masculina” (António José Saraiva, in *Para a História da Cultura em Portugal*, dissertando sobre certa poesia lírica). Quando, no 12º, analisamos o *Memorial do Convento*, aplaudamos Saramago, pela sua criação genial de Blimunda e Baltasar, casal de iguais em direitos e deveres.

Outros exemplos de mitos a combater. Contrarie-se a crença de que as mulheres têm uma sensibilidade maior – princípio castrador de um desenvolvimento completo, por inibir capacidades motoras e físicas nas meninas; por embaraçar a expressão de sentimentos nos rapazes, educados para serem duros, para exercerem o poder, para controlarem, para superprotegerem (outra forma de exercer o poder), para exibirem força e virilidade (que tantas vezes conduzem à violência, à agressão) e para esconderem emoções.

Explique-se que uma mulher é “feminina” quando não é passiva, submissa, quando seduz pelos seus méritos, pelas suas capacidades e não apenas pela aparência, ou seja, por contributos e não por “atributos”. Desmascarem-se estereótipos veiculados pela publicidade, por certos filmes e por certas letras de músicas dos tops.

Combata-se o pré-conceito segundo o qual a mulher tem menos desejo do que o homem, pois, se não o fizermos, pactuaremos com a perpetuação do apagamento da mulher, continuando as luzes a incidirem sobre o macho, anulando-se aquela e brilhando este...

Condene-se o ciúme. Não, não significa que “ele/ela gosta muito de mim”. É, pelo contrário, mais uma forma de controlar, de limitar.

Destrua-se a ideia de que uma mulher só, sem homem, é um ser incompleto. A cedência a este preconceito pode impedir a mulher de se libertar de uma relação abusiva!

Desminta-se o “sem ti não poderia viver!”, sobretudo se proferido por um abusador ou agressor. Faça-se a apologia da racionalização (os adolescentes vivem apaixonadamente o charme do mito Romeu e Julieta...), da não cedência à chantagem emocional.

Defenda-se que, em caso de agressão, seja ela verbal, física ou psicológica, se deve meter a colher entre marido e mulher, entre namorado e namorada.

Formemos para o respeito mútuo.

Fontes bibliográficas:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mito>

<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/edicoes/27/artigo77871-3.asp>

Gosto de mim de ti - Maria José Magalhães, Ana Paula Canotilho e Elisabete Brasil

Formanda - Eva Delindro